

Artigo Original

Uma Disciplina para a Liderança do “Eu” dos Discentes: Projeto de Vida na BNCC

A Discipline for the Leadership of the Students' “Self”: Life Project at Brazilian's Common Curricular National Base (BNCC)

Pedro Thiago Costa Melo¹ e Jorge Luiz da Cunha²

1. Doutorando em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professor da Secretaria Estadual de Educação (SEDUC) do Estado do Piauí e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI).

2. Doutor em História Medieval e Moderna Contemporânea pela Universität Hamburg, Alemanha. Professor Titular da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Integra o quadro docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UFSM. Presidente da Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica (BIOGRAPH).

pedrothiagocostamelo@gmail.com e jlcunha11@yahoo.com.br

Palavras-chave

Base Nacional Comum Curricular (BNCC)
Liderança pessoal dos discentes
Projeto de vida

Keywords

National Common Curricular Base (BNCC)
Personal leadership of students
Life project

Resumo:

O presente artigo analisou a disciplina Projeto de Vida inserida no contexto da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e que tem como proposta a liderança do "eu" dos discentes. Ela girou em torno da pergunta (problema): de que forma o Projeto de Vida indicado na BNCC contribui para a construção de um novo paradigma educacional brasileiro? Constatou-se, a partir do estudo bibliográfico e documental Damásio (1995; 2000; 2003), Gardner (1989), Goleman (1995; 1999), Branco (2004), Wedderhoff (2001), Cury, (2003; 2006), BNCC (2017), Alves (1994), Schopenhauer (2002)), que é fundamental que a educação rompa o paradigma educacional voltado apenas para o cognitivo e inclua as emoções no contexto educacional, contemplando assim a dimensão integral humana.

Abstract:

This article analyzed the discipline Life Project inserted in the context of the National Common Curricular Base (BNCC) and whose proposal is the leadership of the "I" of the students. It revolved around the question (problem): how does the Life Project indicated in the BNCC contribute to the construction of a new Brazilian educational paradigm? It was found, from the bibliographic and documentary study Damásio (1995; 2000; 2003), Gardner (1989), Goleman (1995; 1999), Branco (2004), Wedderhoff (2001), Cury, (2003; 2006), BNCC (2017), Alves (1994), Schopenhauer (2002)), that it is essential that education break the educational paradigm focused only on the cognitive and include emotions in the educational context, thus contemplating the integral human dimension.

Artigo recebido em: 01.03.2021.

Aprovado para publicação em: 31.03.2021.

INTRODUÇÃO

Você já deve ter se deparado com a seguinte afirmação: é preciso lidar com as dificuldades da vida! O indivíduo se esbarra com os conflitos sociais e pessoais/emocionais, ambos inter-relacionando-se, e é levado a possibilidade de tomar decisões inteligentes. A escola, espaço social por origem histórica, local privilegiado onde os processos de consciência de si próprio e da realidade são construídos, é chamada a tomar parte neste desafio. Afinal, na atualidade, sua responsabilidade não é desenvolver sujeitos sociais autônomos, conscientes, protagonistas de sua vida?

Ao discente é apresentado o seguinte dilema: “[...] se posicionar ou como conformista, vítima do mundo, ou como protagonista da sua história” (CURY, 2014, p. 50). Para isto, aprender a interiorizar-se, **DESENVOLVER O PROCESSO REFLEXIOLÓGICO**, é urgente e demanda ter capacidade, pois é “[...] é uma arte complexa e difícil de ser conseguida no terreno da existência” (CURY, 2006, p. 17). Podemos visualizar esta preocupação na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aprovada no ano de 2017, que enfatiza a necessidade do autoconhecimento, a partir das seguintes afirmações: “Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional” (BNCC, 2017, p. 9) e “[...] fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade” (BNCC, 2017, p. 9) entre as dez competências gerais a serem desenvolvidas ao longo da educação básica. Dentro deste contexto, a disciplina Projeto de Vida é colocada como obrigatória e é de grande importância para alicerçar a possibilidade da liderança do “eu”, controle psicossocial.

Este artigo se propõe a responder o seguinte problema: de que maneira o projeto de vida indicado na BNCC contribui para a construção de um novo paradigma educacional brasileiro? Centrou-se, especificamente, no que se refere à proposta da disciplina Projeto de Vida. Debate sobre, então, esta disciplina nas escolas e se a mesma pode ser importante para a liderança do “Eu” dos discentes para serem de fato protagonistas de sua vida. Metodologicamente trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo bibliográfica e documental.

UM PARADIGMA EDUCACIONAL: EDUCANDO AS EMOÇÕES COM O “EU”

É fundamental considerar que a pauta por uma educação das emoções não é nova. A História e a Psicologia da Educação têm indicado modelos educativos objetivando um homem protagonista e a necessária orientação para a eficácia pessoal, social, global (BRANCO, 2004).

Autores como Damásio (1995, 2000, 2003), Gardner (1989), Goleman (1995, 1999), a título de exemplo, mostram: “[...] como a mente **emocional e a mente racional se intersectam e completam**” (BRANCO, 2004, p. 27, *grifos nossos*).

[...] as opiniões dos autores parecem coincidir na noção de que o comportamento humano emerge de uma amálgama de **energias, intra e interactivas, organizadas, que parecem poder ser disciplinadas** por forma a dar mais eficácia ao comportamento, e em cujo processo **as emoções seriam protagonistas representativas** (VEIGA BRANCO, 2004, p. 31, *grifos nossos*).

Fica claro a impossibilidade de separar o homem de qualquer forma, muito menos separar a racionalidade das emoções. Ademais, a racionalidade que fundamenta porque são também estas que fundamentam “[...] o sentido da eficácia das decisões, a partir do controlo dessa emocionalidade” (BRANCO, 2004, p. 49). Pois:

Uma **pessoa com elevada competência emocional é aquela que tem também uma** alta percepção daquilo que consegue ou não controlar. Esta concepção é essencial neste estudo, pelo facto de que, ao conhecer a percepção do nível de controlo pessoal, se poder perspectivar a qualidade da relação pedagógica e consequente nível de aprendizagem que poderá daí emergir (BRANCO, 2004, p. 49, *grifos nossos*).

O desafio, então, é trazer essas questões para dentro do sistema de educação a fim de atingir, no novo paradigma da autoconstrução: “O Homem como **emissor-receptor de interações psico-cognitivas e pro-**

prioceptivas intrínsecas e extrínsecas, capacitado para construir o seu Projecto de Si” (BRANCO, 2004, p. 17, *grifos nossos*).

Este pressuposto torna não só imprescindível o reconhecimento da importância das emoções e naturalmente a sua gestão, como também legitima quaisquer questões que se coloquem no sentido de aplicar na prática essa energia, gerindo-a e objectivando-a para as questões pessoais e para as decisões que a vida nos desafia a tomar (BRANCO, 2004, p. 27).

Gardner (1989) amplia a noção de inteligências, num sentido mais holístico, quando apresenta as chamadas inteligências múltiplas. “Este domínio de saberes integra todas as vertentes do sujeito e também a emocional. Então, o que será relevante questionar é como poderá ser levado à prática este paradigma da autoconstrução. (BRANCO, 2004, p. 19).

Promover este desenvolvimento pessoal e social que lhes permita desenvolver **<um projecto de si> activo e responsável na sociedade, no sentido** de educação cívica e cidadania, é no fundo, não só promover os factores salutogénicos mas também catalisar o desenvolvimento e o sentido de coerência dos Recursos Gerais de Residência (RGR), com vista à promoção do bem-estar e do crescimento humano e enfim... à autonomia (BRANCO, 2004, p. 18).

Para Almeida (2016), os estudos das emoções vêm cada vez mais ressaltando sua importância para a aquisição da aprendizagem dos discentes. O que vem redimir uma prática até então recorrente, pelo menos na teoria: “em se importar com a formação humana em sua completude” (ALMEIDA, 2016, p. 1). Quem para assegurar o reverter deste processo na educação? Para Branco (2004), as escolas que permanecem mais tempo de um espírito educativo salutogénico e ecológico, chamadas de escolas promotoras de saúde. “E nestas, quem para compensar a agitação, e instabilidade e a inconsistência da vida emocional familiar? Os professores. E estes, operariam então o processo através da intencionalidade do paradigma educativo emocional” (BRANCO, 2004, p. 74).

Nessa perspectiva, a escola tende a transformar-se num verdadeiro laboratório interativo, onde a criança [ou adulto], além de tornar plena consciência do seu “eu”, será capaz de compreender melhor o que ocorre ao seu redor. A educação emocional busca tornar um indivíduo mais inteligente emocionalmente. O que significa que ele terá mais chances de um convívio social estável. Além disso, será capaz de trabalhar em grupo, terá mais confiança diante dos desafios do dia-a-dia, estará mais apto ao relacionamento interpessoal e, principalmente, será mais otimista e equilibrado diante das exigências impostas pela sociedade (WEDDERHOFF, 2001, p. 5).

Morim (2003) já chamava a atenção para o fato do ser humano a um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, histórico e social. Nesse sentido, urge ampliar as ações escolares em vista a “[...] favorecer o desenvolvimento de saberes extras, de modo a atender aos diversos aspectos da formação humana, tendo em vista sua preparação para a vida” (ALMEIDA, 2016, p. 1-2). Wedderhoff (2001), vai na minha linha ao apreço a inteligência otimizada a partir da educação das emoções, “[...] processo complexo de construção permanente, originado no seio da família, passando pela escola e continuando por toda a vida” (WEDDERHOFF, 2001, p. 1). Então, hoje, tem-se ciência de uma rede de conexões entre inteligência e emoção.

Durante muito tempo, a emoção foi concebida como uma força altamente irracional e desagregadora, totalmente contrária á razão. Entretanto, nas pesquisas a respeito das emoções, essas são concebidas como um verdadeiro estímulo á cognição. Todavia, é inegável que, em algumas situações, certas atitudes ligadas á emoção podem realmente ser extremamente negativas e ter efeitos desagregadores do pensamento (WEDDERHOFF, 2001, p. 3).

Então, é necessário desfazer um modelo social de escola centrado essencialmente na formação acadêmico-cognitiva. “A escola perdeu muito da sua função verdadeiramente “educadora”, transformando-se, quase que unicamente numa entidade “instrutora”, afastada da sua função sociocultural” (WEDDERHOFF, 2001, p. 5). Afinal, se a escola tem por fim o sucesso na vida dos discentes, será que dito errado aceitar a assevera: “[...] sucesso na vida está mais relacionado com a maturidade psicológica do que propriamente com a realização escolar obtida” (BRANCO, 2004, p. 20).

Embora haja uma grande quantidade de escolas que atualmente não inverte no protagonismo dos estudantes e dos educadores, há outras tantas que despertam a consciência crítica e são comprometidas com o processo de transformação social, partindo do processo intersubjetivo e intrassubjetivo, para reconhecimento das características pessoas, as dimensões subjetivas mais profundas e partindo para a dimensão da alteridade, por meio do qual há uma interação com o outro, contribuindo dessa maneira para o reconhecimento do “eu”, como resultado do conjunto das diversas formas de construção e subjetivação.

UM NOVO PARADIGMA PARA A EDUCAÇÃO: O PROJETO DE VIDA E SEU PROTAGONISMO NA BNCC

A jornalista Beatriz Jucá, em 2019, assina o seguinte título de sua reportagem: Saúde mental dos estudantes, mais um desafio para as escolas brasileiras. A mesma traz dados estarecedores sobre a saúde mental de estudantes, tudo isso pensado a partir de um país chocado com o massacre de Suzano, em São Paulo, onde ex-alunos da escola estadual Professor Raul Brasil mataram oito pessoas, feriram 11 e depois suicidaram-se. Traz ainda, a reportagem, dados de uma pesquisa realizado pelo Instituto de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da USP, em parceria com a Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com escolas públicas de São Paulo e do Rio Grande do Sul apontando que 80% dos estudantes com algum transtorno mental: ansiedade, fobias, déficit de atenção, hiperatividade ou esquizofrenia e não recebem tratamento médico nem psicológico.

O universo de problemas psicológicos são muitos e é necessário saber que são “[...] transtornos da trajetória da vida, que evoluem a partir de alterações do neurodesenvolvimento e que manifestam seus primeiros sinais na infância” (GARCIA, 2016, p. 1).

Essa falta de conhecimento também impede a articulação de projetos sobre o desenvolvimento de habilidades não apenas intelectuais, mas também emocionais e sociais, que contribuirão para o **desenvolvimento integral** do aluno e constituirá um fator de proteção para problemas mentais no futuro (GARCIA, 2016, p. 1, *grifos nossos*).

Almeida (1998) vai nesse mesmo caminho ao chamar de boa educação aquela que é capaz de oferecer conhecimentos psicológicos. Para isso, depende-se dos sistemas de representação, valores e dos ideais educativos que serão transmitidos.

“Educar é ser um artesão da personalidade, um poeta da inteligência, um semeador de ideias” (CURY, 2003, p. 37). Essa é a afirmação de Cury que desde o século passado chama atenção para o sistema educacional doentio que se persiste ao longo do tempo no Brasil.

Mergulhado num processo socioeducacional que se ancora na transmissibilidade e no construtivismo do conhecimento exteriorizante [...] assim numa síndrome da exteriorização existencial. [...] Uma trajetória socioeducacional em que ele pouco se interioriza, pouco procura por si mesmo e pouco conhece a si mesmo” (CURY, 2006, p. 15).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aprovada no ano de 2017, desperta para uma mudança ao dispor entre as suas 10 competências gerais, o “Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional” (BNCC, 2017, p. 9) e a “[...]fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade (BNCC, 2017, p. 9).

Assim, a BNCC propõe a superação da fragmentação radicalmente disciplinar do conhecimento, o estímulo à sua aplicação na vida real, a importância do contexto para dar sentido ao que se aprende e o **protagonismo do estudante em sua aprendizagem e na construção de seu projeto de vida** (BNCC, 2017, p. 15, *grifos nossos*).

Com isso, o compromisso com a educação integral, que

[...] requer muito mais do que o acúmulo de informações. Requer o desenvolvimento de competências para aprender a aprender, saber lidar com a informação cada vez mais disponível, atuar com discernimento e responsabilidade nos contextos das culturas digitais, aplicar conhecimentos para resolver problemas, **ter autonomia para tomar decisões, ser proativo para identificar os dados de uma situação e buscar soluções, conviver e aprender** com as diferenças e as diversidades (BNCC, 2017, p. 14, *grifos nossos*).

Deixando claro assim seu objetivo na educação integral, que se direciona no desenvolvimento humano global, “[...] rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva.” (BNCC, 2017, p. 15).

Para Cury (2003) “As crianças e os jovens aprendem a lidar com fatos lógicos, mas não sabem lidar com fracassos e falhas” (p. 10). Educar com vista a vida, que é complexa, abrange a emoção e para essa ser educada é preciso estimular o discente a pensar antes de agir, enfrentar os medos com lucidez, “[...] ser líder de si mesmo, autor da sua história, a saber filtrar os estímulos estressantes e a trabalhar não apenas com fatos lógicos e problemas concretos, mas também com as contradições da vida” (CURY, 2003, p. 43). E isso já é entendido com a BNCC, pois desde o ensino fundamental, já é colocada a questão do delineamento do projeto de vida dos estudantes, buscando uma possibilidade de desenvolvimento pessoal e social. Vejamos:

Ensino Fundamental – Anos Finais, a escola pode contribuir para o delineamento do **projeto de vida dos estudantes**, ao estabelecer uma articulação não somente com os anseios desses jovens em relação ao seu futuro, como também com a continuidade dos estudos no Ensino Médio. Esse processo de reflexão sobre o que cada jovem quer ser no futuro, e de planejamento de ações para construir esse futuro, pode representar mais **uma possibilidade de desenvolvimento pessoal e social** (BNCC, 2017, p. 62, *grifos nossos*).

Esse direcionamento pedagógico tem continuidade no ensino médio para

Para atender às necessidades de formação geral, indispensáveis ao exercício da cidadania e à inserção no mundo do trabalho, e responder à diversidade de expectativas dos jovens quanto à sua formação, a escola que acolhe as juventudes tem de estar comprometida com a educação integral dos estudantes e com a **construção de seu projeto de vida** (BNCC, 2017, p. 464, *grifos nossos*).

O protagonismo juvenil é a tônica, busca-se a liderança do “Eu” para serem de fato protagonistas de sua vida. Tudo isso implica considerar que há muitas juventudes para “[...] organizar uma escola que acolha as diversidades, promovendo, de modo intencional e permanente, o respeito à pessoa humana e aos seus direitos.” (BNCC, 2017, p. 462).

E mais, que garanta aos estudantes ser protagonistas de seu próprio processo de escolarização, reconhecendo-os como interlocutores legítimos sobre currículo, ensino e aprendizagem. Significa, nesse sentido, assegurar-lhes uma formação que, em sintonia com seus percursos e histórias, permita-lhes **definir seu projeto de vida**, tanto no que diz respeito ao estudo e ao trabalho como também no que concerne às escolhas de estilos de vida saudáveis, sustentáveis e éticos (BNCC, 2017, p. 462, *grifos nossos*).

Combater e reconhecer que muitos alunos brasileiros “[...] vivem alienados, não pensam no futuro, não têm garra e **projetos de vida**.” (CURY, 2003, p. 9, *grifos nossos*) é um grande passo e a BNCC reconheceu isso ao propor e romper com esse paradigma, pois:

Na BNCC, o protagonismo e a autoria estimulados no Ensino Fundamental traduzem-se, no Ensino Médio, como suporte para a **construção e viabilização do projeto de vida** dos estudantes, eixo central em torno do qual a escola pode organizar suas práticas (BNCC, 2017, p. 472, *grifos nossos*).

Nesse mesmo sentido, Cury (2006) assevera que quem aprendeu a arte da dúvida e da crítica na sua trajetória existencial se coloca como aprendiz na vida e “[...] por isso, tem condições intelectuais de repensar seus paradigmas socioculturais e expandir continuamente suas ideias e maturidade psicossocial.” (p. 16). Então, cabe a escola se orientar para a construção do projeto de vida dos alunos (BNCC, 2017). Assim:

[...] a escola que acolhe as juventudes assume o compromisso com a formação integral dos estudantes, uma vez que promove seu desenvolvimento pessoal e social, por meio da consolidação e construção de conhecimentos, representações e valores que incidirão sobre seus processos de **tomada de decisão ao longo da vida** (BNCC, 2017, p. 472, *grifos nossos*).

Uma “educação tornou-se seca, fria e sem tempero emocional.” (CURY, 2003, p. 11), sem sentido, é um grande problema ou desafio a ser superado. Cada vez mais os alunos enxergam uma educação desconectada com a sua vida e chegam a perguntar: pra que saber disso? Emburrados com a resposta do professor(a) que disse apenas “porque sim” e que a “[...] finalidade e utilidade nunca se deram ao trabalho de nos explicar.” (ALVES, 1994, p. 10). Com isso, a educação perde sua magia, sua felicidade, como nos provoca o anarquista educacional Alves:

Os métodos clássicos de tortura escolar como a palmatória e a vara já foram abolidos. Mas poderá haver sofrimento maior para uma criança ou um adolescente que ser forçado a mover-se numa floresta de informações que ele não consegue compreender, e **que nenhuma relação parecem ter com sua vida?** (ALVES, 1994, p. 11, *grifos nossos*).

Com isso, “Não é à toa que eles perderam o prazer de aprender. A escola deixou de ser uma aventura agradável” (CURY, 2003, p. 11). “A educação tornou-se seca, fria e sem tempero emocional.” (CURY, 2003, p. 11). Levando a dentro de pouco tempo o aluno a esquecer tudo ensina, “Não por burrice. Mas por inteligência. O corpo não suporta carregar o peso de um conhecimento morto que ele não consegue integrar com a vida” (ALVES, 1994, p. 15).

Não estamos educando a emoção nem estimulando o desenvolvimento das funções mais importantes da inteligência, tais como contemplar o belo, pensar antes de reagir, expor e não impor as ideias, gerenciar os pensamentos, ter espírito empreendedor. Estamos informando os jovens, e **não formando sua personalidade** (CURY, 2003, p. 11, *grifos nossos*).

É sábio, assim, quem leva em consideração, no que tange a questão da personalidade, liderança do “eu” e seu projeto de vida, os filósofos como Schopenhauer, que afirma que “é óbvio que o elemento principal no bem-estar de um indivíduo — de fato, de todo o seu modo de existir — é aquilo que o constitui, que ocorre dentro dele próprio. [...] cada qual vive em seu próprio mundo. (SCHOPENHAUER, 2002, p. 2).

A BNCC trazendo em seu bojo o rompimento de um paradigma ao colocar o projeto de vida como ferramenta importante para a liderança do “Eu” dos discentes para serem de fato protagonistas de sua vida é um importante avanço ao permitir a dimensão integral do aluno, para conhecer o funcionamento da mente, do seu “Eu”, instigando a “[...] *capacidade de gerenciar os pensamentos, administrar as emoções, ser líder de si mesmo, trabalhar perdas e frustrações, superar conflitos*” (CURY, 2003, p. 37).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quem não é tensionado, educado, a aprender a assumir o seu “Eu” como protagonista de sua vida, quem não busca um sentido a ela...está num caminho perigoso. E a educação é chamada a tomar sua posição, pois quanto “pior for a qualidade da educação, mais importante será o papel da psiquiatria neste século” (CURY, 2003, p. 12) E o mais perigoso: pessoas ansiosas, sem sentido, evasões escolares, desânimo. Ao institucionalizar o lado subjetivo na educação, através do projeto de vida, a BNCC rompe, pela primeira vez, na política pública institucional, um paradigma educacional que supervalorizava o cognitivo em detrimento de outras funções importantes para a educação, como a emoção.

Cury (2003), alerta: “A verdadeira liberdade está dentro de você”, “Não seja frágil diante das suas preocupações!”, “Enfrente as suas manias e ansiedade”, “Opte por ser livre! (p. 22). Urge, dentro desse contexto, efetivar-se a disciplina projeto de vida que é de grande importância para alicerçar a possibilidade da liderança do “eu”, controle psicossocial na educação como preconiza a BNCC, que levará a um repensar na educação até então oferecida.

A BNCC inova, em certa medida, o ensino brasileiro hodierno, ao apresentar como novidade a necessidade da elaboração e vivência do processo de construção subjetiva do “EU”, como resultado de um processo teórico e prático, de reflexão, de ação e de reflexão sobre a ação, possibilitando um problema cada vez mais grave nas escolas brasileiras, relacionado a ausência de sentido da vida, elaboração de projetos pessoais, estabelecimento de perspectivas na vida, seja no ponto de vista pessoal, mas também familiar e da sociedade.

A Construção do “Eu”, enquanto projeto educativo, sistematizado, refletido e bem orientado pode contribuir para evitar problemas emocionais gravíssimos dos educandos e educadores, conhecimento sobre seus

conflitos mais íntimos, os fantasmas de família e os conflitos sociais. Tal construção é processual e dinâmica, ou seja, é constante e mutável, portanto o trabalho dos educadores é possibilitar o exercício da reflexão crítica, da análise da conjuntura social e da experimentação de práticas axiológicas, que contribuam para promover a democracia, o respeito e a valorização da vida.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Roselina Nunes de. **As Contribuições Das Emoções No Processo Ensino aprendizagem**. 2016. Disponível em: <http://uece.br/eventos/spcp/anais/trabalhos_completos/247-38145-28032016-203404.pdf>. Acessado em 10/02/2020.
- ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de Almeida. **O papel da escola na educação e prevenção em saúde mental**. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141571281998000100015>. Acessado em 04/04/2020.
- BRANCO, Augusto Veiga. **Competência Emocional**. Coimbra: Quarteto, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>. Acessado em 04/04/2020.
- BEATRIZ, Jucá. **Saúde mental dos estudantes, mais um desafio para as escolas brasileiras**. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/18/politica/1552928918_526670.html>. Acessado em 04/04/2020.
- COLEMAN, D. **Inteligência Emocional**. Lisboa. Círculo de Leitores, 1996.
- _____. **Trabalhar com Inteligência Emocional**. Braga. Temas e Debates, 1999.
- CURY, Augusto Jorge. **Pais Brilhantes, Professores Fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- _____. **Inteligência Multifocal: análise da construção dos pensamentos e da formação de pensadores**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- _____. **Ansiedade: como superar o mal do século: a síndrome do pensamento acelerado: como e por que a humanidade adoeceu coletivamente, das crianças aos idosos**. São Paulo: Saraiva, 2014.
- DAMÁSIO, A. **o sentimento de si**. Mem Martins. Europa América, 2000.
- _____. **Ao Encontro de Espinosa**. Mem Martins. Europa América, 2003.
- _____. **A. O Erro de Descartes, Emoção, Razão e Cérebro Humano**. Europa América, 1995.
- GARCIA, Janaína Mandra. **Saúde Mental na Escola: O que os Educadores Devem Saber**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712016000200423&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 04/04/2020.
- GARDNER, H. **Inteligências Múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **Aforismos para a Sabedoria de Vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- WEDDERHOFF, Elísio. **Educação emocional: Um novo paradigma pedagógico?** Revista do Programa de Mestrado em Educação e Cultura intitulada Linhas (2001). Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1299>>. Acesso em: 04/04/2020.